

# Iniciativas Financeiras do BRICS

Paulo Nogueira Batista Jr.<sup>1</sup>

*Tradução para o português de nota que serviu de base para apresentação feita numa discussão em formato remoto organizada pelo Valdai Discussion Club no dia 18 de março de 2024.*

O pano de fundo das recentes discussões entre os países do BRICS sobre questões monetárias e financeiras internacionais e, em particular, sobre possíveis iniciativas conjuntas nessa área é bem conhecido em linhas gerais. Há, em primeiro lugar, uma percepção cada vez mais difundida de que o atual sistema monetário internacional centrado no dólar americano está se tornando disfuncional. Em segundo lugar, a crescente multipolarização do mundo em termos econômicos e políticos parece inconsistente com a continuação indefinida de um sistema monetário mundial basicamente unipolar.

Permitam-me abordando estes pontos de forma sucinta. Deve-se ter em mente que ambos são questões de economia política internacional, ou seja, problemas que são ao mesmo tempo políticos e econômicos, como costumam ser as questões macroeconômicas.

## **Um sistema monetário internacional disfuncional**

A percepção da crescente disfuncionalidade da ordem monetária atual (desordem talvez seja uma palavra melhor) é uma consequência de fatores econômicos e políticos nos Estados Unidos que estão corroendo a confiança no sistema e em sua principal moeda.

No terreno econômico, testemunhamos uma relativa perda de poder e eficácia da economia dos EUA como um todo e, em particular, os crescentes e intratáveis problemas fiscais que o governo enfrenta. Uma acumulação muito rápida de dívida pública desde a crise financeira de 2008-2009 não tem precedentes em tempos de paz. Os especialistas tendem a concordar que não há perspectiva real de reduzir esses níveis de dívida em um futuro próximo.<sup>2</sup> De fato, desfrutar do privilégio de ser o principal fornecedor de liquidez internacional dá aos EUA uma margem de manobra extra considerável. Mas essa margem de manobra é ilimitada? Provavelmente não. Os economistas que professam a chamada teoria monetária moderna podem discordar, mas a maioria de nós concordará que, em algum momento, um preço terá que ser pago em termos de instabilidade. À medida que a percepção desse risco aumenta, a confiança no dólar cai.

No terreno político, o dólar sofre com o abuso pelo governo americano do status internacional da sua moeda, a chamada *weaponization of the US dollar*, a sua transformação em armamento militar. A Rússia tem sido o principal e mais recente alvo desta utilização abusiva, e assim não preciso de me aprofundar no assunto na discussão de hoje, organizada por um fórum russo, o Clube de Discussão Valdai. Apenas resalto um curioso paradoxo: o dólar americano tem um inimigo principal – o próprio governo dos EUA. Nada mina mais a confiança no dólar do que as violentas medidas unilaterais que os EUA e seus aliados tomaram contra vários países vistos como hostis. "Estados párias", "*rogue States*", no arrogante jargão ocidental, tiveram seus direitos violados em larga escala. Entre outros, Afeganistão, Venezuela, Irã e, agora, Rússia. Os

---

<sup>1</sup> Paulo Nogueira Batista Jr., economista brasileiro, foi vice-presidente do Novo Banco de Desenvolvimento (NDB), de 2015 a 2017, e ex-diretor-executivo para o Brasil e outros países do Fundo Monetário Internacional (FMI), de 2007 a 2015. Correio eletrônico: paulonbjr@hotmail.com

<sup>2</sup> Ver, por exemplo, Serkan Arslanalp e Barry Eichengreen, "Living with High Public Debt", Federal Reserve Bank of Kansas City, agosto de 2023

métodos usados contra esses países foram tão incivilizados, para dizer o mínimo, tão desrespeitosos com os direitos básicos de propriedade, que os EUA e seus aliados, talvez mais do que ninguém, são na verdade os que merecem ser chamados de "Estados párias".

### **Inconsistência entre um mundo multipolar e um sistema monetário unipolar**

O segundo ponto de fundo, igualmente importante, é a tectônica mudança geopolítica e geoeconômica que está ocorrendo no mundo. Isso é muitas vezes referido como multipolarização. Longe vai o mundo que surgiu após o colapso do bloco soviético e da própria União Soviética e que durou cerca de 20 anos. Esse momento unipolar da história, quando o polo do Atlântico Norte sob a liderança dos EUA dominou todo o planeta, já passou e não voltará. Os americanos têm dificuldade em aceitar isso, como sabem os russos melhor do que ninguém, mas terão que lidar com essa nova realidade.

Como conciliar um mundo multipolar com um sistema monetário unipolar, baseado essencialmente no dólar americano e nas moedas de reserva dos principais aliados dos Estados Unidos? Uma economia multipolar provavelmente não é consistente com um sistema de pagamentos e moeda internacional unipolar. Note-se que, a rigor, isso significa que o dólar americano não pode ser substituído por outra moeda nacional. Um sistema internacional baseado no renminbi ou em qualquer outra moeda nacional sofrerá de alguns dos mesmos problemas estruturais que têm atingido o sistema centrado no dólar americano.

### **Os BRICS podem oferecer alternativas?**

O desafio que temos diante de nós é verdadeiramente intimidador. Os BRICS podem oferecer alternativas aceitáveis para a atual desordem monetária e financeira? Há muita inércia nos arranjos monetários e financeiros. A queda do dólar é lenta. O atual sistema internacional não entrará em colapso e desaparecerá do dia para a noite. Mas o declínio é constante e cada vez mais visível. Os problemas do sistema atual são cada vez mais difíceis de resolver.

O que podemos fazer como BRICS? Não se enganem: o mundo inteiro está nos observando e tentando avaliar se nós, como grupo, estamos realmente falando sério sobre a desdolarização. E todos estão tentando verificar e somos técnica e politicamente capazes de desenvolver alternativas ao dólar americano e ao sistema atual.

Para dizer a verdade, penso que é muito cedo para dizer se podemos realmente fazer a diferença. Há, como vocês sabem, muito *hype* em torno das iniciativas dos BRICS nesta área, mas ainda há muito a ser discutido e feito se quisermos passar em algum momento do *hype* para medidas práticas e eficazes.

Este é um dos desafios centrais para a presidência russa dos Brics em 2024. E esse desafio será transferido para a presidência brasileira dos BRICS em 2025. Ocorre que justamente os presidentes Putin e Lula têm sido os mais vocais entre nossos líderes nessas questões. Em agosto passado, o presidente Lula, em seu discurso final na Cúpula do Brics, em Joanesburgo, falou da necessidade de abordar o tema, afirmando que os líderes do Brics haviam "aprovado a criação de um grupo de trabalho para estudar a adoção de uma moeda de referência dos Brics. Isso aumentará nossas opções de pagamento e reduzirá nossas vulnerabilidades".

Um grupo de especialistas foi criado pela presidência russa dos BRICS e começou a trabalhar. Espero que este trabalho possa produzir alguns resultados concretos em 2024. Um passo relativamente simples, proposto por economistas russos, poderia ser a criação de uma cesta semelhante à do DER (direitos especiais de saque) do FMI. Poderia ser chamadas de R5,

para refletir o fato de que as moedas dos cinco membros originais do BRICS começam com a letra "R". Por que não criar essa unidade de conta, com pesos baseados no tamanho das economias dos países participantes? O assunto pode ser retomado durante a presidência brasileira, em 2025, e medidas poderão ser consideradas para transformar a unidade de conta em uma moeda de referência completa, de pleno direito.

### **Três dimensões da questão financeira**

A questão que estamos discutindo hoje tem, de fato, pelo menos três dimensões: a) a criação de uma moeda comum de referência pelos BRICS; b) o desenvolvimento de um sistema internacional de pagamentos e transações para substituir o SWIFT; e c) o aumento do uso de moedas nacionais nas transações comerciais e financeiras entre os BRICS e com outras nações não-BRICS.

O último ponto é aquele em que mais avanços foram feitos pelos Brics. O dólar americano está sendo substituído, em grande medida, pela utilização de moedas nacionais nas transações bilaterais entre os nossos países. Nesse aspecto, a desdolarização está se movendo em ritmo acelerado, reduzindo os custos de transação e os riscos políticos. Poucas pessoas percebem, no entanto, que esse progresso tem limitações que só podem ser superadas com a criação de uma moeda de referência comum.

Por que isso acontece? Se houver superávits e déficits bilaterais, como é normal, os países superavitários acumularão moeda dos países deficitários. Esta acumulação pode não ser desejável se existirem dúvidas sobre a estabilidade das moedas dos países deficitários. Isso poderia levar os países superavitários a se desfazerem de suas participações em moedas dos países deficitários nos mercados internacionais, causando depreciações e possível instabilidade. Agora, se uma moeda de referência do BRICS existisse e comandasse a confiança, os países superavitários poderiam acumular reservas em nossa moeda de referência. Se não existir uma moeda comum confiável, a utilização das moedas nacionais será inevitavelmente limitada.

Ressalte-se que não estou tratando de uma moeda única semelhante ao euro. Isso não seria pensável entre os Brics. As moedas nacionais e os bancos centrais nacionais continuarão a existir e a desempenhar as suas funções habituais. Uma moeda de referência do BRICS seria usada para transações internacionais e como moeda de reserva no lugar do dólar americano e das outras moedas de reserva atualmente existentes.

### **Requisitos para o sucesso**

Este objetivo pode parecer fácil, mas definitivamente não é nada fácil. Abordei algumas das dificuldades em dois artigos que escrevi no ano passado – um deles para a Reunião Anual do Grupo de Discussão de Valdai, realizada em Sochi, em outubro;<sup>3</sup> o outro para um evento realizado à margem da Cúpula do BRICS em Joanesburgo, em agosto,<sup>4</sup> Para concluir esta nota, destaco três requisitos principais para o sucesso das iniciativas de Acordos Financeiros do BRICS.

---

<sup>3</sup> Paulo Nogueira Batista Jr., "Brics financial and monetary initiatives – the New Development Bank, the Contingent Reserve Arrangement and a possible new currency" o Novo Banco de Desenvolvimento, o Arranjo Contingente de Reservas e uma possível nova moeda", trabalho apresentado na 20ª Reunião Anual do Valdai Discussion Club, em Sochi, Rússia, em 2 de outubro de 2023.

<sup>4</sup> Paulo Nogueira Batista Jr., "A BRICS currency?", trabalho apresentado no BRICS Seminar on Governance and Cultural Exchange Forum 2023, em Joanesburgo, África do Sul, 19 de agosto de 2023.

Primeiro requisito: nós, como BRICS, precisamos demonstrar competência profissional e técnica para lidar com as questões inevitavelmente complexas envolvidas nessas iniciativas. Não é um problema do tipo nó górdio.

Deve haver, no entanto, e este é o segundo requisito, coragem política. A reorganização dos arranjos monetários e financeiros internacionais é uma questão crítica da economia política mundial. Pode-se esperar que os EUA e seus aliados resistam até o fim a quaisquer iniciativas que desafiem sua posição privilegiada. Os americanos, ao que parece, gostariam de reservar para si, ironicamente, a tarefa de minar o dólar! Não apreciam a interferência estrangeira nesta matéria.

Terceiro e último requisito: um alto grau de coesão entre os BRICS é condição *sine qua non para o sucesso*. Todos os nossos países têm de estar convencidos da viabilidade destas iniciativas e colocar alguns dos seus melhores especialistas e funcionários para trabalhar na sua formulação e implementação.

Esses requisitos estão presentes hoje? Veremos. No que diz respeito à coragem, poderíamos inspirar-nos nos nossos parceiros russos e na forma como enfrentam o confronto militar com a NATO na Ucrânia. A coesão, no entanto, sempre foi um desafio para os BRICS, mesmo quando tínhamos apenas cinco países ao redor da mesa. Para alcançar a coesão e um mínimo de coordenação, será necessário muito debate e esforço de persuasão.

Mas não devemos permitir que essas dificuldades nos desanimem. A realização de grandes projetos implica sempre imaginação e persistência na superação de todo tipo de barreira e todo tipo de resistência. Esperemos que os BRICS confirmem as expectativas do resto do Sul Global e estejam à altura do desafio de oferecer alternativas construtivas para todos.